



## **Cartografando Novas Socialidades no Espaço Urbano Soteropolitano: Estratégias de um Programa Popular Televisivo na Ressignificação de Fronteiras<sup>1</sup>**

Lilian Reichert COELHO<sup>2</sup>  
Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

### **Resumo**

Orienta-se por balizas teóricas oriundas de diversas áreas do saber (BACHELARD, 2003; SANTOS, 2005; LEFEBVRE, 1999; SERPA, 2007; MAFFESOLI, 1996), a fim de perseguir a hipótese segundo a qual um programa televisivo de nítido apelo popular pode atuar de modo eficaz na construção de novas socialidades em um espaço urbano prenhe de contradições. Estas inegavelmente povoam a vida prática e simbólica de seus habitantes. Para isso, considera-se o referido programa agente de socialidades, ao conferir visibilidade positiva a pessoas e bairros pobres da capital baiana, comumente relegados à invisibilidade pelo jornalismo de referência local. Assim, compreende-se o programa *Que venha o povo!* como espaço liminar entre lugares simbólicos e territoriais que ressignifica as fronteiras instituídas pelos poderes, práticas e discursos dominantes.

**PALAVRAS-CHAVE:** espaço; urbano; fronteiras; comunicação; socialidades.

Contradições típicas das grandes cidades contemporâneas podem ser facilmente observáveis em Salvador (Bahia), acrescidas das características peculiares às “pequenas metrópoles regionais” (cf. SERPAb, 2007, p.36) brasileiras, quais sejam: densidade (alta concentração demográfica) e densificação (processo de ocupação de áreas urbanas remanescentes); adensamento (fragmentação do espaço ao longo das encostas); congestionamentos diversos (devido à pobreza dos chamados serviços primários); deficiências no setor secundário (escolas, hospitais, estacionamentos etc.), *déficit* habitacional (sobretudo para as camadas populares); verticalização irregular (construção de dois a três pavimentos sobre o pavimento térreo, popularmente conhecidos como “lajes”); aparência feia (pela ausência de acabamento)<sup>3</sup>. Serpa refere ainda a polarização social e espacial, afim com a abordagem aqui encetada sobre o programa televisivo *Que venha o povo!*, norteadada pela leitura da construção de imagens positivas sobre os bairros

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao GP Geografias da Comunicação, componente do DT 7, Comunicação, Espaço e Cidadania, do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Jornalista, mestre pela UNESP, doutoranda pela UFBA, professora da Faculdade Social da Bahia, orientadora de Iniciação Científica. [lilian\\_reichert@yahoo.com.br](mailto:lilian_reichert@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Cf. ALVES dos SANTOS, 2005.



não-nobres de Salvador, polo localizado – dos pontos de vista prático e axiológico – no eixo negativo, conforme o discurso dominante<sup>4</sup>.

Assim considerado, no escopo deste trabalho, compreende-se a cidade do Salvador como espaço privilegiado para a observação da construção simbólica sobre o urbano na contemporaneidade, no caso, sobre a “pequena metrópole regional” sob foco. Comumente apresentada pela mídia local e também nacional como lugar de festa, de alegria, especialmente em virtude de inegáveis atributos geográficos, históricos e climáticos, da capital baiana pululam diariamente diferenças e conflitos das mais variadas ordens. Para além da orla marítima e dos lugares artificialmente erigidos como cartões-postais predominam, na Salvador que o turista olha, mas não vê, o desemprego, o *déficit* habitacional, a baixa qualidade na educação formal, a nítida polarização social e espacial entre pobres e ricos<sup>5</sup>. Além disso, o cotidiano soteropolitano é permeado por preconceitos das mais variadas estirpes, obnubilados pela reprodução incessante do mito da democracia racial, amplamente introjetado pela população local, devido ao esforço ideológico – tanto político quanto publicitário e midiático – cujo objetivo é reforçar narrativas e valores próprios do discurso dominante.

Nesse contexto, em contraposição aos enquadramentos usuais conferidos pelos telejornais de referência e demais programas televisivos, posicionam-se algumas abordagens pautadas pelo entretenimento e pelo jornalismo diversional<sup>6</sup>, mais próximas do *fait-divers* e até, inegavelmente, do sensacionalismo. Mesmo assumindo a negatividade intrínseca a posicionamentos desse tipo, propõe-se, neste texto, uma mirada compreensiva sobre aspectos positivos do programa *Que venha o povo!* no que diz respeito à problematização das fronteiras sociais e simbólicas impostas pelas

---

<sup>4</sup> A mencionada polarização pode ser assim explicada: “A organização espacial do município de Salvador e de sua Região Metropolitana corresponde à distribuição espacial da renda da população, ou seja, à distribuição das classes sociais no espaço urbano e metropolitano. Pode-se mesmo falar de polarização social, já que se constata uma diferenciação marcante na distribuição espacial da renda entre o município-sede e os demais municípios da Região Metropolitana de Salvador bem como entre as áreas de urbanização de *status* e de urbanização popular de Salvador. Assim, as famílias de renda mais baixa concentram-se nos bairros ao longo da Baía de Todos os Santos, enquanto aquelas com rendas mais elevadas encontram-se preferencialmente nas áreas ao longo da orla atlântica da cidade.” (SERPAb, 2007, p. 37)

<sup>5</sup> A partir de um estudo da CONDER (Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia), publicado em 2006, também divulgado pelo Jornal A Tarde de 28/12/2006, Serpa refere que: “Se a Região Metropolitana de Salvador fosse um país ela só perderia em termos de desigualdades sociais para a Namíbia.” (b, 2007, p. 42).

<sup>6</sup> Conforme explica Melo, tal tipo de jornalismo “engloba aqueles textos que, fincados no real, procuram dar uma aparência romanesca aos fatos e personagens captados pelo repórter. Entre os gêneros que integram o gênero diversional estão as histórias de interesse humano, as histórias coloridas, os depoimentos, etc.” (1994, p. 34). Mais adiante, o pesquisador salienta que: “O interesse do leitor por essas produções jornalísticas está menos na informação em si, ou seja, na essência do fato narrado, do que nos ingredientes de estilo que a que recorrem os seus redatores, despertando o prazer estético, em suma, divertindo, entretendo, agradando” (MELO, 1994, p. 35). Vale sublinhar que o autor citado concentra esforços na compreensão dos gêneros do jornalismo impresso; no entanto, considera-se que a noção acima apresentada pode ser profícua na leitura de um programa televisivo como o aqui estudado.



narrativas dominantes e pelas práticas cotidianas e urbanísticas instauradas entre os setores urbanos chamados populares e as camadas economicamente abastadas da cidade de Salvador.

Programa diário de formato híbrido, *Que Venha o Povo!* (doravante denominado QVP!) é exibido de segunda a sexta-feira, de 11 horas e 45 minutos até as 13 horas, pela TV ARATU, afiliada baiana SBT. Do ponto de vista do gênero televisual tal como pretendem os realizadores, configura-se como espécie de amálgama entre programa informativo e de variedades. De acordo com a descrição publicada no *site* da retransmissora, trata-se “de humor, prestação de serviços e cobertura dos fatos mais importantes do dia”<sup>7</sup>. Insistentemente, os mediadores qualificam o programa como “popular”. A figura do mediador principal – que atua no estúdio – é construída pelo jornalista Casemiro Neto, cujo histórico de credibilidade junto ao público foi criado durante anos por sua atuação em outra emissora como apresentador de telejornal. O mediador secundário é o radialista Zé Bim, que exerce a função de repórter, concentrando atividades nas ruas da cidade de Salvador. Os dois mediadores são diferentes entre si, complementando-se. Enquanto Casemiro Neto apresenta-se como o jornalista sério (nos moldes dos padrões construídos pelo jornalismo de referência e já reconhecidos pelo público), Zé Bim é absolutamente informal, aproximando-se tanto do telespectador quanto do público-personagem<sup>8</sup> cuja visibilidade constrói o programa.

Embora não seja o foco deste trabalho, considera-se relevante problematizar – ainda que brevemente – a multiplicidade de sentidos evocada pelo termo “popular”, utilizada no próprio título deste texto. Ressalte-se a ausência de consenso sobre a noção de comunicação popular tal como trabalhada por especialistas em Comunicação e Cidadania. Destacam-se como pontos básicos a serem considerados por qualquer atitude de orientação de fato “popular”: 1. o protagonismo do povo, isto é, a participação ativa de indivíduos pertencentes às minorias representativas; 2. orientação da comunicação a partir de princípios públicos, portanto, sem fins lucrativos; 3. divulgação de conteúdos que encetem a ampliação da cidadania, da independência, em termos individuais e coletivos. Assim sendo, em respeito à pluralidade de nuances que propostas e ações de comunicação social não-hegemônicas engendram, sublinhe-se o fato de que exigências

---

<sup>7</sup> [www.aratuonline.com.br](http://www.aratuonline.com.br).

<sup>8</sup> Sobre o público-personagem constituído pelos populares, França explica tratar-se de “(...) um personagem novo [que] aparece na televisão brasileira: a figura do popular, o representante dos anônimos que povoam as ruas e os barracos das grandes cidades.” (2006, p. 1).



fundamentais (postuladas por autores como Peruzzo, 2006; Kaplún, 1985; Festa, 1986; Puntel, 1994) são nitidamente desprezadas pelo programa *QVP!*

Ao ignorar tais princípios da comunicação popular, optando pela utilização de estratégias típicas da mídia hegemônica, sem apresentar proposta efetivamente alternativa, o programa *QVP!* posiciona-se discursivamente como massivo popularesco, com algum grau de utilidade pública (PERUZZO, 2006). Sob a denominação “massivo”, compreende-se um tipo de comunicação destinada de forma vertical *para* os segmentos populares e não apropriada horizontalmente *pelo* povo. O outro termo componente da expressão, “popularesco”, pode ser definido pelo uso de modalidades de linguagem (verbal, visual e sonora) pautadas por mecanismos como: informalidade no uso das vestimentas, coloquialismos linguísticos e excessos de toda ordem (gritos, sonoplastia, apelo sensual-erótico pelas personagens femininas “Malvada” e “Vaca”), exploração cômica de defeitos físicos e *déficit* cognitivo de personagens (como o ex-boxeador baiano Hollyfield, cuja figura gera o riso pelo grotesco<sup>9</sup>), a construção de membros do público como personagens, preferencialmente histriônicos. Além dos elementos citados, outras marcas de reconhecimento de “programa massivo popularesco” são empregadas como a estética sonora e visualmente “poluída”, a espontaneidade de pessoas e situações bem como a instalação do vínculo social assistencialista.

Em que pese o exposto, autores como Amaral (2006) consideram sob prisma positivo a existência, no ambiente midiático contemporâneo, de um gênero jornalístico informativo popular cujo estudo carece de detalhamento, carência essa oriunda de preconceitos históricos e de posicionamentos hermenêuticos elitistas. A fim de evitar polarizações, optou-se pela orientação da leitura do programa *QVP!* pelo viés do paradoxo. Justamente por isso e devido aos altos índices de audiência alcançados no horário, julga-se o programa merecedor de olhar mais atento. De qualquer modo, não é possível driblar de todo o fato de que o produto televisivo sob foco é, sim, construído na lógica popular comumente classificada como sensacionalista.

Nessa dinâmica, dois tipos de espaços soteropolitanos são construídos (discursivamente, reproduzindo padrões construídos socialmente e, como tal, internalizados no imaginário da população) e reforçados pela mídia local: 1. os espaços positivos, acolhedores, agradáveis e belos, onde estão situadas as classes privilegiadas;

---

<sup>9</sup> No sentido mesmo proposto por Sodré e Paiva (2002), de uma estética do grotesco, típica da mídia comercial destinada aos setores econômica e culturalmente desprivilegiados.

2. os espaços negativos, feios, repletos de lixo, onde residem as camadas alijadas pelas políticas neoliberais vigentes<sup>10</sup>. A fim de abordar os dois tipos de espaços e o modo como o programa se constrói como fronteira entre setores da cidade de Salvador, são explicitadas, abaixo, algumas noções espaciais caras à presente reflexão. Antes de tudo, no entanto, vale expressar que a experiência humana é sempre territorializada e, como tal, produto da vivência compartilhada espacialmente em sociedade. Conforme destaca Hissa, (...) o território é obra coletiva e, em si mesmo, manifestação de poderes. A construção do território, através de relações sociais, por si só, passa a significar o estabelecimento de fronteiras de natureza variada – entre pessoas e coisas (2002, p.40). É a atividade humana, portanto, que territorializa o espaço.

Milton Santos (2002) atribui distinções entre território e espaço, este último concebido como mais amplo, abarcando o próprio território, a paisagem e a sociedade. Santos é, de fato, a voz mais expressiva, consoante o encaminhamento que se procura conferir à presente reflexão. Na observância da concepção mais contemporânea de território, o geógrafo citado salienta a “interdependência universal dos lugares”, típica da globalização, em detrimento “da antiga comunhão individual dos lugares com o Universo” (SANTOS, 2005, p. 137). Em estreita harmonia com a noção de espaço, Santos define o território como “formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado” (2005, p. 138), portanto, espaço vivido. O autor expõe, para o entendimento do território no mundo atual, as concepções de horizontalidade e verticalidades, fundamentais para os desdobramentos da presente pesquisa sobre a espacialidade urbana soteropolitana no programa popular *Que venha o povo!*, vez que este procura horizontalizar o olhar, contrariamente à verticalização em geral realizada pela mídia hegemônica.

A ideia positiva sobre o entrelaçamento entre o espaço e as subjetividades que nele vivem e, portanto, o constroem no interior dessa relação assume contornos enfáticos em Bachelard (1993), cuja noção de *topofilia* é conceituada como “espaço feliz”, lugar de onde é possível defender-se de quaisquer “forças adversas”; em suma, refere-se aos “espaços amados” (FERNANDES, 1992, p.19). Pelo termo, concebe-se a significação dos ambientes de aconchego e intimidade pelo viés do imaginário, cuja

---

<sup>10</sup> Tal concepção é oriunda das críticas de Z. Bauman à globalização, notadamente no que diz respeito à mobilidade dos ricos e a falta de mobilidade dos pobres nas sociedades contemporâneas, diferença cruel acentuada no ambiente das cidades. A reflexão encaminha-se no seguinte sentido: “Não há conversa entre os dois lados da fronteira. As experiências de vida são tão diferentes que não dá para ver sobre o que os moradores dos dois lados poderiam conversar caso se encontrassem.” (BAUMAN, 1999, p. 95).



tendência é o movimento para o interior. As topofilias constituem lugares privilegiados na construção da experiência pessoal e/ou coletiva. No polo oposto situam-se as topofobias, espacialidades que se impõem de modo imperiosamente negativo ao ser humano. Apesar de Bachelard circunscrever seu olhar à poesia<sup>11</sup>, acredita-se que as noções de topofilia e topofobia podem ter rentabilidade na análise da construção espacial simbólica sobre o urbano no ambiente midiático contemporâneo. Ademais, é inegável que os habitantes de uma cidade relacionam-se positiva e negativamente com o espaço urbano, tanto o físico (transformado pela ação humana e não “puro”, “estático”) quanto o social (em permanente e incessante processo de construção). Conforme destaca Milton Santos, “As relações comunicacionais têm, pois, mais que as outras, um *geographic flavour*, um *bouquet géographique*, pois são geradas no lugar, e apenas no lugar, a despeito da origem, por acaso distante, dos objetos, dos homens e das ordens que os movem” (2005, p. 161).

O espaço, assim compreendido é, portanto, revelador das contradições sociais, históricas, culturais e simbólicas. Nesse sentido, evoca-se Greimas, para quem a forma privilegiada de conceber o espaço caracteriza-se pela tensão entre as ideias de topia e heterotopia, partindo do pressuposto de que “um ‘lugar’ qualquer só pode ser apreendido se o fixarmos em relação a um lugar diferente” (1981, p. 115). No programa televisivo sob leitura, observa-se que os bairros populares configuram-se como topia fundamental. Mais ainda: são destacados como isotopias pelo discurso. Lefebvre define isotopia como “um lugar (topos) e o que o envolve (vizinhança, arredores imediatos), isto é, o que faz um *mesmo lugar*”<sup>12</sup>. Para o autor, se noutra parte existe um lugar homólogo ou análogo, ele entra na isotopia” (1999, p.45). Assim, apesar de diferentes entre si, os bairros populares equivalem-se mutuamente, sendo intercambiáveis aos olhos dos poderes públicos e da “sociedade”, tanto no que diz respeito à distância geográfica em relação ao centro da cidade ou aos centros de poder e decisão quanto no que concerne à “distância sociológica”<sup>13</sup>.

Na perspectiva do programa *QVP!*, as localidades instauradas como isotópicas são mostradas como excluídas da cidade e da sociedade, esta última constituindo seu “outro” por antítese, portanto, espacialidade heterotópica. A fronteira social e

---

<sup>11</sup> As reflexões de Gaston Bachelard sobre espaço e poesia configuram o que se convencionou denominar, no ambiente dos estudos literários, de “crítica temática”.

<sup>12</sup> [grifos do autor].

<sup>13</sup> Termo utilizado por Domingues (1994). A ideia também é explorada por Z. Bauman, de modo mais amplo, ao expor sua crítica à Globalização, para quem: “Com efeito, longe de ser um ‘dado’ objetivo impessoal, físico, a ‘distância’ é um produto social (...)” (1999, p. 19).



economicamente instalada pelos poderes hegemônicos delinea-se fortemente, portanto, pelo modo como a cidade é representada pelo programa, como barreira não-natural entre os setores nitidamente polarizados da população soteropolitana. Com isso, pode-se dizer que o programa atua, ele próprio, como liminaridade, forçando a visibilidade de lugares da cidade e das populações que neles residem, usualmente relegadas à invisibilidade pela grande mídia e pelos poderes públicos.

Ao proceder desse modo, o programa apresenta os bairros populares como prenes de vida, desnudando o fato apresentado por Doreen Massey, segundo quem o espaço não é configurado por dados, mas se constitui permanentemente, o que a geógrafa e socióloga define como simultaneidade de “estórias-até-agora”. Por esta expressão, Massey (2008, p. 29) refere-se a três proposições fundamentais na compreensão do espaço, considerando toda a história de compreensões já realizadas quanto às peculiaridades do espaço contemporâneo. A primeira proposição diz respeito ao reconhecimento do espaço como produto de uma série de interações. Estas, por sua vez, coexistem, formando uma heterogeneidade o que, por sua vez, configura a segunda proposição. Além de interação e multiplicidade, o espaço também é concebido como em constante construção. Com isso, ao invés de considerar o espaço mera abstração, se o concebe como multiplicidade complexa, composta por feixes de um prisma cujas modulações de cores e alcance dependem do emaranhamento de fatores heterogêneos imbricados e permeados por contingências e, como tal, considerado na leitura do programa popular televisivo aqui encetada. Assim, percebe-se como profícua a orientação do trabalho sob os delineamentos do conceito apresentado que, de certa forma, entra em consonância com uma das noções mais evocadas aqui do ponto de vista metodológico: a de heterotopia.

Tal noção é compreendida a partir de dois autores, que refletiram – ainda que em perspectivas distintas, o que não se pode desconsiderar – sobre as espacialidades heterotópicas: Foucault (2006) e Lefebvre (1999)<sup>14</sup>. Respeitando-se as notáveis diferenças teóricas entre os autores citados, neste trabalho, optou-se pela compreensão das heterotopias como todas as construções sociais, comunitárias, imaginárias ou efetivamente praticadas que têm a propriedade de ressignificar os espaços (geográficos e simbólicos), sobretudo na contemporaneidade, em que as heterogeneidades e as contradições não apenas afloram, mas são convocadas a emergir, em interação e/ou em

---

<sup>14</sup> Importante salientar que tais diferenças não foram expostas neste trabalho por questões de limite de espaço físico e também por se considerar que isso poderia desvirtuar o foco da reflexão proposta.





confronto. Neste sentido, vale salientar que, em *QVP!*, uma das formas de construção de heterotopias é a distinção dos bairros não-nobres<sup>15</sup> entre si, posicionamento que contraria a orientação dominante na mídia local hegemônica, cuja tendência é a indissociação de tais lugares, em geral, evidentemente semelhantes na aparência física, com suas casinhas sem reboco e tijolos à vista, esgotos a céu aberto, falta de arborização, lixo espalhado pelas ruas. A distinção a que se refere é realizada discursivamente pelos mediadores, sobretudo pelo “repórter” Zé Bim, cuja atuação nas ruas dos bairros visitados valoriza os elementos típicos de cada localidade.

Para a compreensão do tipo de fronteira que o programa televisivo *QVP!* instaura, convoca-se Michel Maffesoli, cujo esforço holístico de pensar de modo benigno as diferenças, as heterogeneidades urbanas, revela-se profícuo para um estudo desse calibre. Assim, Maffesoli (1996) examina o denominado “reinvestimento do espaço vivido” no contexto contemporâneo pela ideia de “recentramento comunitário”, que pode assumir diversas configurações. Tal movimento pode acontecer no campo territorial no sentido tradicional, mas também pode ocorrer em território simbólico compreendido, no que tange à metrópole contemporânea, como “(...) conjunto complexo constituído, ao mesmo tempo, pela materialidade das coisas (ruas, monumentos, tráfego) e pela imaterialidade das imagens de diversas ordens” (MAFFESOLI, 1996, p. 264). Isso é possível mesmo nas chamadas “zonas de abjeção” (cf. SIBLEY, 1995), às quais pertencem as localidades não-nobres de qualquer metrópole.

Desse modo, a espacialidade compartilhada afetivamente entre os habitantes de um bairro – mesmo não-nobre, portanto, distante dos centros de poder – extrapola as experiências íntimas de abrigo referidas por Bachelard, pois o acento da experiência vivida recai sobre o eixo relativo ao espaço social, formado por tudo o que circunda as relações humanas no decurso da vida cotidiana. Acentua o caráter topofílico do bairro o fato de constituir uma vizinhança, pois esta se constitui, indubitavelmente, como parcela viva do tecido urbano ao propiciar trocas humanas, conforme destaca De Certeau, para quem o bairro é um “[...] lugar de uma passagem pelo outro, intocável porque distante, e no entanto passível de reconhecimento por sua relativa estabilidade. Nem íntimo, nem anônimo: vizinho” (1996, p.43). Tais elementos, a vizinhança e a estabilidade da vida e

---

<sup>15</sup> Optou-se por assim denominar as espacialidades onde se concentram os setores desprivilegiados da população soteropolitana, a fim de evitar a dicotomização e a necessidade de aprofundamento em discussões não apenas semânticas, mas geográficas, sociológicas e até filosóficas, que os termos “periferia” (em oposição a centro), “subúrbio”, “favela” ou “invasão” engendrariam.





dos afetos apontam para a construção espacial da experiência coletiva localizada no bairro pelo viés da dimensão tátil e horizontal da vida, ambas instauradoras e mantenedoras do contato interpessoal. Bairros, em geral, têm histórias, personagens, formas de relacionamento peculiares entre vizinhos, configurando-se como espaços de diferenciação no interior da cidade constituindo, muitas vezes, cidades quase autônomas, como é o caso, em Salvador, de Cajazeiras e do Subúrbio Ferroviário, para citar apenas dois exemplos soteropolitanos comumente convocados pelo programa.

Tatilidade e horizontalidade são, portanto, eixos que regem a vida em localidades desse tipo e *QVP!* as salienta. Comprova-se o acento nessas dimensões a maneira como as relações humanas são construídas pelo programa: ressalta-se a falta de hierarquia entre as pessoas, oriunda da informalidade básica configurante das relações, bem como a facilidade e a rapidez no florescimento de relações conflituosas. Estas são evidenciadas pelo programa em consonância com o posicionamento paternal assumido pelo mediador no quadro *A hora do acordo*, exibido às quintas-feiras. Nele, o mediador de rua, o repórter Zé Bim, tenta promover não apenas a reconciliação entre vizinhos, mas dispõe de um elemento ainda mais precioso no ambiente de um programa com viés nitidamente popularesco: a denúncia. Zé Bim tenta “resolver” uma situação de inimizade criada entre vizinhos, apelando para argumentos superficiais, ligados ao emocional dos envolvidos, destacando com veemência a proximidade, a relação de vizinhança, que deve ser “respeitosa e pacífica”.

Na dinâmica da construção espacial da cidade de Salvador pelo programa, observa-se a concepção das topofilias construídas como heterotopias, dentre as quais se destacam os bairros nobres da capital baiana e o próprio programa. As localidades nobres não são explicitadas visualmente, mas sua representação é constantemente evocada pelos mediadores a partir de concepções que sabem cristalizadas no imaginário dos setores desprivilegiados da população, público-alvo-personagem do programa. Vale reforçar que a heterotopia caracteriza-se como espacialidade cuja ação primordial é instaurar-se como diferença em relação a uma isotopia, “lugar inicialmente considerado”, no caso, os bairros não-nobres. Diferença fundamental entre bairros nobres e não-nobres e seu caráter, respectivamente, topofílico e topofóbico, é apontada por Espinheira, para quem: “(...) espaços geradores de múltiplas possibilidades produtivas são, inevitavelmente, aqueles mais caros, que se tornam intrinsecamente mercadoria no mercado imobiliário. A elevação de seu valor enquanto terreno ‘nobre’



atrai, conseqüentemente, investimentos presumivelmente compatíveis com o seu valor” (2003, p. 188).

Ao abordar as espacialidades topofílicas por viés notadamente heterotópico, o programa *QVP!* as constrói como contraponto positivo às espacialidades isotópicas, os chamados bairros populares ou não-nobres. A construção discursiva sobre os lugares nobres da capital baiana apresenta tais espacialidades como espécies de *loci amoeni*, onde se pode viver bem e distante da violência e de toda a negatividade intrínseca às localidades habitadas pelo público preferencial-personagem do programa. Pelo menos assim são referidas pelo programa que, ao deixar de conferir visibilidade explícita a tais lugares, posiciona-se, justamente por isso, de modo contra-hegemônico em relação à mídia de referência local, que prefere acentuar estereótipos turísticos, social, cultural e historicamente construídos. Conforme brevemente mencionado acima, tais estereótipos são internalizados pelo público local, tornando-se elemento constitutivo (oriundo do exterior, é evidente, mas ideologicamente inculcados) do imaginário dos próprios moradores no que concerne à cidade de Salvador.

Sobre isso, Serpa é fonte pertinente, pois apresenta relevante diferenciação entre bairros nobres e bairros populares, consoante à linha de pensamento pretendida neste trabalho, ao tomar Keller (1979) como baliza. Os autores afirmam que, “nos bairros populares, a limitação de oportunidades, a pobreza e o isolamento relativos, a insegurança e o medo acabam por fortalecê-las e torná-las parte fundamental da trama de relações familiares”. No que diz respeito às localidades nobres, o próprio Serpa oferece argumento contrastante, ao explicar que, “nos bairros de classe média, as relações entre vizinhos são mais seletivas e pessoais e, na maior parte dos casos, o maior poder aquisitivo faz diminuir a necessidade de ajuda mútua e aumentar necessidade individual de espaço” (SERPAa, 2007, p. 153).

Quanto aos lugares não-nobres, notadamente constituem isotopias na dinâmica do programa televisivo sob leitura, mas se configuram como espacialidades as mais topofóbicas pelo discurso dominante. Isto é, são localidades regidas intensamente pela negatividade, estabelecendo com as topofílicas (bairros nobres) explícita e antagônica relação de contrariedade. Assim sendo, depreende-se que a relação direta entre lugares e pessoas de localidades econômica, cultural e geograficamente desprestigiadas e destas em relação imaginária com suas antíteses em uma cidade, é imprescindível para a constituição da própria identidade de cada tipo de espacialidade, pois



É no sistema de relações com o que lhe é externo, ou seja, com a alteridade, que a territorialidade pode ser definida. Ela está impregnada de laços de identidade, que tentam de alguma forma homogeneizar esse território, dotá-lo de uma área/superfície minimamente igualizante, seja por uma identidade territorial, seja por uma fronteira definidora de alteridade. (SERPAa, 2007, p. 20).

Portanto, é somente na relação “entre” os lugares da metrópole que os valores atribuídos a cada bairro se estabelecem, imprimindo valências positivas e negativas a segmentos do território urbano situados, muitas vezes, geograficamente um ao lado do outro<sup>16</sup>. A mirada antropológica evidencia de modo mais abrangente a dicotomia no modo de observar a diferença entre as espacialidades citadas, ao referir que:

Os bairros pobres da cidade – localizados no interior e na periferia da mesma – sofrem uma estigmatização em decorrência da imagem negativa construída, sobretudo no que concerne aos aspectos do informal, sendo associados automaticamente pelos observadores do exterior à violência e à delinquência, o que termina por justificar a postura segundo a qual eles devem evitar tais lugares e se proteger dos ataques de seus moradores atrás de muros (...). (SANGODEYI-DABROWSKI, 2003, p. 178).

Além de isotopias e heterotopias, Lefebvre aponta a existência do “alhores, o não-lugar que não acontece e, entretanto, procura seu lugar” (1999, p.45). Trata-se de uma concepção do *utópico* paradoxal por excelência, pois é erigido como espaço real, embora não pontual. No que diz respeito a *QVP!*, a utopia é construída pela noção recorrentemente evocada da cidade justa, ideal, sem violência. Trata-se de um possível, cuja concretização depende exclusivamente da ação dos poderes públicos locais, já que os habitantes dos bairros populares são “pessoas de bem”, castigadas injustamente pela falta de ação das instâncias públicas responsáveis pelo bem-estar da população. Como *locus* do imaginário, o alhores “está em toda parte, e em nenhuma parte” (LEFEBVRE, 1999, p. 45-46), como a própria ideia de cidade perfeita apresentada pelos mediadores<sup>17</sup>.

Uma atitude do mediador de *QVP!* explicita o posicionamento contra-hegemônico no discurso do programa sobre a metrópole baiana. A mencionada atitude pode ser observada nos quadros do programa em que o “repórter” Zé Bim situa-se em lugares estratégicos da cidade, por serem centrais e espaços transitoriamente ocupados

<sup>16</sup> Para citar apenas um exemplo, é o que ocorre em Ondina, bairro nobre, onde estão posicionadas localidades não-nobres como o Calabar, o Alto de Ondina e a Baixa da Alegria, cuja permanência é alvo constante de (in)ações da Prefeitura e de empreendimentos imobiliários voltados para as classes médias, além de fortes e explícitas tensões sociais pelas quais, inevitavelmente, perpassam conflitos raciais.

<sup>17</sup> De qualquer modo, a cidade perfeita dos mediadores do programa permanece no plano imaginário do utópico em uma de suas acepções mais difundidas, qual seja, a de não-realizável, como refere Bauman sobre a atitude dos utopistas do passado, ao afirmar que “O aspecto da cidade perfeita esboçada pela pena dos utopistas não se assemelhava ao de qualquer cidade real em que vissemos e sonhassem os planejadores.” (1999, p. 44).



pela população carente, quais sejam: a Estação da Lapa (no centro), o Relógio de São Pedro (também no centro), a Estação de transbordo de Pirajá e, algumas vezes, a Praça Piedade (no centro). Todos os espaços metropolitanos citados configuram-se como não-lugares, espacialidades regidas pelo paradoxo, ao mesmo tempo ameaçadoras – pela abertura ao imprevisto e ao espontâneo – e topofílicas – justamente em razão dessa abertura – pois permitem tanto o trânsito como a permanência, ainda que apenas temporária, de indivíduos oriundos de quaisquer pontos e/ou setores da cidade em regime de igualdade.

Ao apropriar-se de tais não-lugares, instituindo seu *locus* provisório e propiciando a reunião de diferentes indivíduos motivados por objetivo comum (a depender do quadro, cada uma orientado para determinado fim: solicitar qualquer tipo de ajuda, buscar um familiar desaparecido, esclarecer dúvidas sobre saúde, sexo ou cidadania etc.), o programa constitui-se também espécie de “entre-lugar”. Nesse momentos, erige-se a identidade popular e permite-se o diálogo social pela não-hierarquização entre os interlocutores – uma vez que os mediadores utilizam estratégias discursivas no sentido de horizontalizar os posicionamentos sociais relativos a si mesmos, aos personagens reais que ali se dão ao ver e ouvir e ao público – ou, ao menos, a ilusão de efetiva participação.

De qualquer modo, ainda que o programa crie essas “ilhas” identitárias e dialógicas no ambiente urbano soteropolitano, nota-se que a tendência maior orienta-se no sentido de mostrar a “realidade” dos bairros não-nobres da cidade, cuja consequência é uma concepção genérica do urbano em geral predominantemente distópica. O discurso dos mediadores conduz-se pela asserção segundo a qual se algo não for feito imediatamente para amenizar a violência e propiciar melhorias na condição de vida da população pobre, o caos já reinante tende a aumentar. Caos que se expressa também sonora e visualmente no programa, pelo excesso, conforme citado acima. Pelas vias do discurso alarmista, instaura-se fortemente a indissociabilidade espaço-tempo, pois se constrói uma projeção negativa no que tange a um futuro próximo, com acento na antevisão da catástrofe social iminente.

Vale salientar ainda que a existência do programa como entre-lugar acentua-se no plano do exercício mediador, dada a função auto-imposta pela referida instância e legitimada pelos destinatários. Para além da caracterização como entre-lugar, tal relação simbiótica situa o programa televisivo como espacialidade heterotópica do tipo “espelho”, uma heterotopia neutra, nem positiva, nem negativa. É Lefebvre quem



ressalta a possibilidade de se considerar tal “elemento neutro”, pois “pode consistir na ruptura-sutura dos lugares justapostos (...)” (1999, p. 45). Em *QVP!*, o “espelho” é constituído pela própria interação estabelecida, isto é, pela mediação, inerente ao tipo de comunicação praticada (televisiva). O agente dessa comunicação, informal e próxima, personifica-se no mediador “de rua”, pois ele “vai onde o povo está”, estabelecendo um liame entre a vida invisível nas espacialidades isotópicas e topofóbicas e o outro, constituído pela “sociedade”.

Na dimensão enunciativa, no sentido de romper barreiras impostas pelos discursos e práticas hegemônicos, percebe-se que o próprio programa apresenta-se como “salvação” para as camadas não-assistidas da população, já que o poder público não funciona. Somente os mediadores têm a capacidade e a preocupação de conferir visibilidade e audibilidade a um espectro da população tradicionalmente sem corpo e sem voz. Este é um dos elementos que demonstram a impossibilidade de se compreender *QVP!* como um programa popular nos moldes do que se defende no ambiente das abordagens sobre comunicação popular. Tal atitude permite também comprovar o posicionamento do programa como heterotopia que não se apresenta como um lugar efetivo, mas se estabelece na relação comunicativa entre os produtores, o próprio programa como texto – compreendido como mediador entre diversas instâncias sociais –, os habitantes dos bairros não-nobres, o público e o segmento político. Isso se verifica nos enunciados repetidamente proferidos pelo apresentador e pelo repórter que, recorrentemente, “cobram” soluções do poder público e se arrogam portadores da verdade e de soluções para os problemas da cidade. É pela função de mostrar, de dar a ver, que os mediadores legitimam o (auto)discurso construído e o próprio lugar diferencial de fala: o programa popular, configurado pela ação daquele que sabe reconhecer os pontos positivos das instâncias dirigentes ou hegemônicas, mas não pode “fechar os olhos” diante de situações de descaso com o “povo”. Além disso, investem-se de autoridade, ao ameaçar os responsáveis pela permanência da miséria e das condições de insalubridade da população pobre que habita as localidades ao mesmo tempo plenas de afetividades, de história compartilhada e de sofrimento da capital baiana.

Esta breve incursão pelas engrenagens do programa *QVP!*, cujo olhar centrou-se em aspectos relativos à representação do urbano e ao posicionamento do próprio programa como fronteira entre setores diferenciados da cidade, julga-se possível concluir afirmativamente acerca da produtividade encetada pela apropriação dos



conceitos bachelardianos de topofilia e topofobia. Além desses, crê-se ter apresentado a pertinência das noções de topia, isotopia, utopia e heterotopia na leitura das representações realizadas pelos meios de comunicação sobre as metropolitanas contemporâneas. Na dinâmica da configuração social metropolitana soteropolitana, pôde-se observar, na imagem construída pelo programa, que o bairro institui – pela reunião na mesma espacialidade – traços reconhecíveis como próprios do lugar, gerando, em alguns casos, a imagem de modos de viver e “tipos” sociais peculiares, o que, conforme se tentou demonstrar, *QVP!* tenta não apenas acentuar, mas legitimar. Acredita-se também que a noção de bairro carece de detalhamento e investigação quando da análise de produtos midiáticos, pois revela, se tomada como singularidade, aspectos relevantes sobre qualquer cidade, especialmente as metrópoles.

Finalmente, é preciso acentuar o caráter paradoxal do programa sob foco pois, ao mesmo tempo em que acentua a cidade como distopia, suaviza o próprio encaminhamento, a fim, provavelmente, de evitar a revolta social, colaborando para o propalado “conformismo social” apresentado pelas propostas da *communication research*. Ainda assim, é notável a resignificação de fronteiras sociais e identitárias realizada pelo programa *Que venha o povo!*, estabelecendo-se ele próprio como espelho e como portal de visibilidade para os setores desprestigiados da população.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo popular**. São Paulo: Contexto, 2006.
- ALVES DOS SANTOS, Manoel Roberto. **Modelo de participação comunitária na gestão ambiental em área de ocupação espontânea**. Monografia apresentada à Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial de avaliação da disciplina ENG 281 – Organização e Administração dos Serviços de Saneamento, ministrada pela Profa. Patrícia Campos Borja, 2005.
- BACHELARD, Gaston. **Poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização – as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- DE CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- DOMINGUES, Álvaro. Sub (úrbios) e sub (urbanos): o mal-estar da periferia ou a mistificação dos conceitos? In: Revista da Faculdade de Letras – Geografia I série. Vol. X/XI. Porto, Portugal, 1994, pp.5-18. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1588.pdf>. Acesso em 30 de outubro de 2008.
- ESPINHEIRA, Gey. Imagem da cidade feia e desumana: Salvador vista no Subúrbio Ferroviário. Em: ESTEVES JR., Milton; MONTOYA, Urpi (orgs.). **Panoramas urbanos: reflexões sobre a cidade**. Salvador, BA: EDUFBA, 2003. pp. 185-199.
- FOUCAULT, Michel. Outros espaços. Em: MOTTA, Manoel Barros (org.). **Michel Foucault – Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001 (Ditos & Escritos, vol. III).
- FRANÇA, Vera (org.). Narrativas televisivas – programas populares de TV. **Comunicação & Cultura**, vol.4. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006.
- GREIMAS, Algirdas-Julien. **Semiótica e Ciências Sociais**. São Paulo: Cultrix, 1981.



- LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte, MG: Editora da UFMG, 1999.
- MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- PERUZZO, Cicília M. K. Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária. Texto apresentado no NP Comunicação para a Cidadania, durante o INTERCOM – Sociedade Brasileira de Ciências da Comunicação, realizado na cidade do Rio de Janeiro, em setembro de 2006. disponível no site: <http://www.intercom.org.br>, acessado em 23 de março de 2008.
- SANDOGHEYI-DABROWSKI, Delphine. As raízes ideológicas da segregação no Brasil: o exemplo de Salvador. Em: ESTEVES JR., Milton; MONTOYA, Urpi (orgs.). **Panoramas urbanos**: reflexões sobre a cidade. Salvador, BA: EDUFBA, 2003. pp. 165-184.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4.ed. São Paulo: EDUSP, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Globalização** – as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- SERPA, Ângelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.a
- \_\_\_\_\_. Periferização e metropolização no Brasil e na Bahia: o exemplo de Salvador. **Revista GeoTextos**, vol. 3, n.1/2. Publicação impressa e eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia, 2007.b
- SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. **O império do grotesco**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.